

Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN

Na primeira incursão do supervisor artístico Walter Salles e do cineasta Sérgio Machado, numa animação com potencial junto a crianças — o longa *Arca de Noé*, baseado em clássica obra de Vinicius de Moraes —, pesou a importante preocupação em apostar nas mensagens fortes, para além da catástrofe climática. “A *Arca de Noé* é uma aventura musical, mas tem também elementos de uma fábula política. Ideias e valores que passamos para os nossos filhos e queria transmitir para as crianças espectadoras. Há, sem dúvida, uma mensagem ecológica, a arca — com animais de todas as espécies — é uma metáfora do planeta”, pontua Sérgio Machado.

Ao lado do codiretor Alois Di Leo, Machado, roteirista da inédita série *Cidade de Deus* e parceiro de Karim Aïnouz na série *Alice*, encarou uma coprodução entre Índia e Estados Unidos para dar vida ao filme dublado por talentos, como Lázaro Ramos, Alice Braga, Marcelo Adnet e Rodrigo Santoro. Adnet vive o rato guitarrista Tom, enquanto Santoro responde pelo poeta roedor Vini, ambos, no encaixo do bravo leão Baruk (Ramos). “Num espaço limitado, a arca, é onde os bichos precisarão aprender a sobreviver e conviver uns com os outros”, destaca o diretor.

Antes de estrear no Brasil (em 7 de novembro), o filme está vendido para mais de 70 países, em lista que inclui Camboja e Vietnã. Reflexo de esmero, de cabo a rabo, e de capricho patente até mesmo nos créditos finais, elaborados, em plano artesanal (com bonequinhos de papel), na contramão de todo o resto do filme. “Com características essencialmente brasileiras, reforçamos que nada deixasse a dever, tecnicamente, às grandes produções internacionais. Brasileiro, o filme é também universal, já que a ideia Arca está presente nas mais diferentes culturas”, explica.

MUITA ANIMAÇÃO NO MUNDO DOS

desenhos



Fotos: Imagem Filmes/Divulgação e Marcelo Navarro/Divulgação

Entrevista // Sérgio Machado, diretor de *Arca de Noé*

A produção aposta na latinidade, com o codiretor peruano Alois Di Leo?

A chegada de Alois se deu inicialmente pelo fato de eu não ter nenhuma experiência em animação. Ele é especializado em animação, e que já vivia no Brasil, tendo sido apresentado pelos coprodutores do filme. Viemos de backgrounds diferentes, mas a interação foi boa. Uma parceria de muita troca, aprendizado e complementaridade. Foi um processo longo e viramos amigos.

Há preponderância do Brasil na fita; voltamos aos idos de *Zé Carioca* na telona?

A ideia do projeto veio da Susana de Moraes, filha mais velha do

Vinicius, ela procurou o Walter Salles e ele me convidou. Eu e a Susana nos tornamos grandes amigos e tivemos muitas conversas sobre o “espírito do Vinicius”, que queríamos levar para as telas, um modo irreverente de ver o mundo, cheio de um humor ácido e, às vezes, trágico. Queríamos fazer um filme próximo do Vinicius... e o Vinicius de Moraes é muito Brasil. Os personagens infantis dos poemas dele não tem nada de fofos, eles são o pato, que pinta o caneco e vai parar na panela, o porquinho que vai virar tocinho...

Que conflito pode adiantar da trama?

Há na arca um leão tirano (interpretado brilhantemente na versão

brasileira por Lázaro Ramos) que dá uma espécie de golpe para dominar os outros animais. Os bichos mais fracos como os ratos e os insetos precisarão juntar forças, para por meio do único talento que têm, que é a música, evitar que o leão subjugu todos os outros animais. A arte, no nosso filme, é vista como o melhor antídoto para a barbárie.

Que universo descortinou com a animação?

Eu sempre gostei muito de animação. Uma inspiração inicial para a gente foram as *Silly Symphonies*, desenhos musicais dos anos 1920 e 1930 de Walt Disney. A sofisticação do uso do som e da música são tão grandes nesses curtas que o diretor

russo Sergei Eisenstein e o compositor Sergei Prokofiev foram até os Estados Unidos para entender a técnica. Meu filho via e revia quando pequeno. Meus filhos, aliás, foram importantes durante o processo, escrevi as histórias contando para eles à noite. No Brasil, uma referência importante foi o humor e o traço irreverente do cartunista Fernando Gonsales, pai do Níquel Náusea. Acho que nosso filme também se comunica um pouco com o humor de *Shrek*, que atinge adultos e crianças em camadas diferentes.

Em que os discos de Vinicius atravessaram a tua vida?

A *Arca de Noé* atravessou a vida de brasileiros de diferentes gerações. Difícil encontrar quem não saiba cantar como O Pato, A Casa e o Leão... Eu tinha o disco,

lembro da capa que tinha um encarte para recortar. Fez parte da minha infância, da do Walter, dos irmãos Gullane (Caio e Fabiano, produtores) e falávamos muito sobre a importância disso no início do projeto. A figura do Vinicius, o poietinha, fez parte da minha infância, da adolescência e da idade adulta. Eu, como muitos garotos de minha geração, dediquei sonetos de amor de Vinicius para as namoradas, e Vinicius foi também um grande crítico de cinema. É um sinônimo de amor à vida, de culto à amizade e às belas parcerias. Eu já o adorava e depois que conheci a Susana — que herdou muito do espírito do pai — me apaixonei ainda mais. Eu li muita coisa dele enquanto trabalhava nos roteiros para tentar absorver o máximo do espírito dele.

DÉCADA DE ESFORÇO

Com a ideia de o Brasil ter artistas de animação fantásticos, qualidade narrativa e, ainda, capacidade de produção, um dos codiretores de *Teca e Tuti* — *Uma noite na biblioteca*, Diego M. Doimo, conta, ao *Correio*, das dificuldades e prazeres do projeto, estendido por 10 anos, a partir de orçamento baixo complexidade na animação. O filme está em cartaz no Cine Brasília (EQS 106/107). Bonecos criados com movimentos quadro a quadro povoavam a mente do grupo de diretores (com Doimo, Tiago MAL e Eduardo Perdido), ainda universitários, e que, por quatro anos, buscaram recursos para o desafio: colocar nos cinemas o terceiro título de longa em stop motion do Brasil (antes vieram *Minhocas* e *Bob Cuspe* — Nós não gostamos de gente).

Criado no interior de São Paulo e

filmado num sítio, o título representa o amor pelo cinema, nas palavras de Doimo. “Tivemos ainda fases de live-action e animação em 2D, com o agente complicador de manter a ideia de unidade. Por um salário mínimo, ao longo de cinco, seis anos, o filme foi animado, quadro a quadro. Chegamos a vários festivais”, observa o Doimo, que representa a equipe. Para além da expectativa de 50 mil pessoas, a equipe partirá para trabalhos, na sequência das salas de exibição. “Vamos levar para milhares de crianças seja por escolas, bibliotecas, centros comunitários e sessões alternativas, isso a partir de outubro”, conta. O longa investe na história de seres vivos inusitadamente ligados à descoberta da leitura como hábito e diversão. “usamos animais horríveis que são traças e ácaros: quer dizer assim, não são seres

Vitrine Petrobras/Divulgação



simpáticos; mas se a gente pensar que o Mickey Mouse também não é um ser simpático — trombar com um camundongo nunca é bom (risos)... Já na primeira cena se identifica que o Tuti é um bichinho de estimação, um amigo. Acho que a graça da animação está realmente na humanização”, diz o animador.

Na pós-infância Doimo descobriu a graça de como são feitos os filmes (a exemplo de *A rena do nariz vermelho*, em 1964; *O estranho mundo de Jack*, de 1993, e, de 1996, *James pêssego gigante*); daí o “valor especial” de presenciar, em *Teca e Tuti*, a combinação exemplar de movimentos, vozes, cenários e uso das roupas.

◀ **Teca e Tuti: uma noite na biblioteca: aprendizado**

“Há uma beleza na imperfeição de ver botões (de roupa) fazendo as vezes de pratos, notar rugas e textura de objetos de madeira, notar sombras e reflexos. Isso traz uma graça de um projeto atemporal. É maluco pensar que a gente consegue assistir a filmes ainda dos anos de 1930, com o *King Kong* em stop motion, fitas russas dos anos 1960, 1970, e notar que o atual reino da computação gráfica, muitas vezes, não gera tanto prazer, em termos visuais”, pontua.

O processo artesanal enfrenta fatores como a falta de entendimento dos órgãos de regulação do audiovisual e mesmo dos patrocinadores, uma vez que leva em média mais de cinco anos. “É diferente do live action que você filma em seis semanas, e passa dez meses editando. Nem a Disney, em animação, consegue fazer isso”, ressalta Doimo. (RD)